

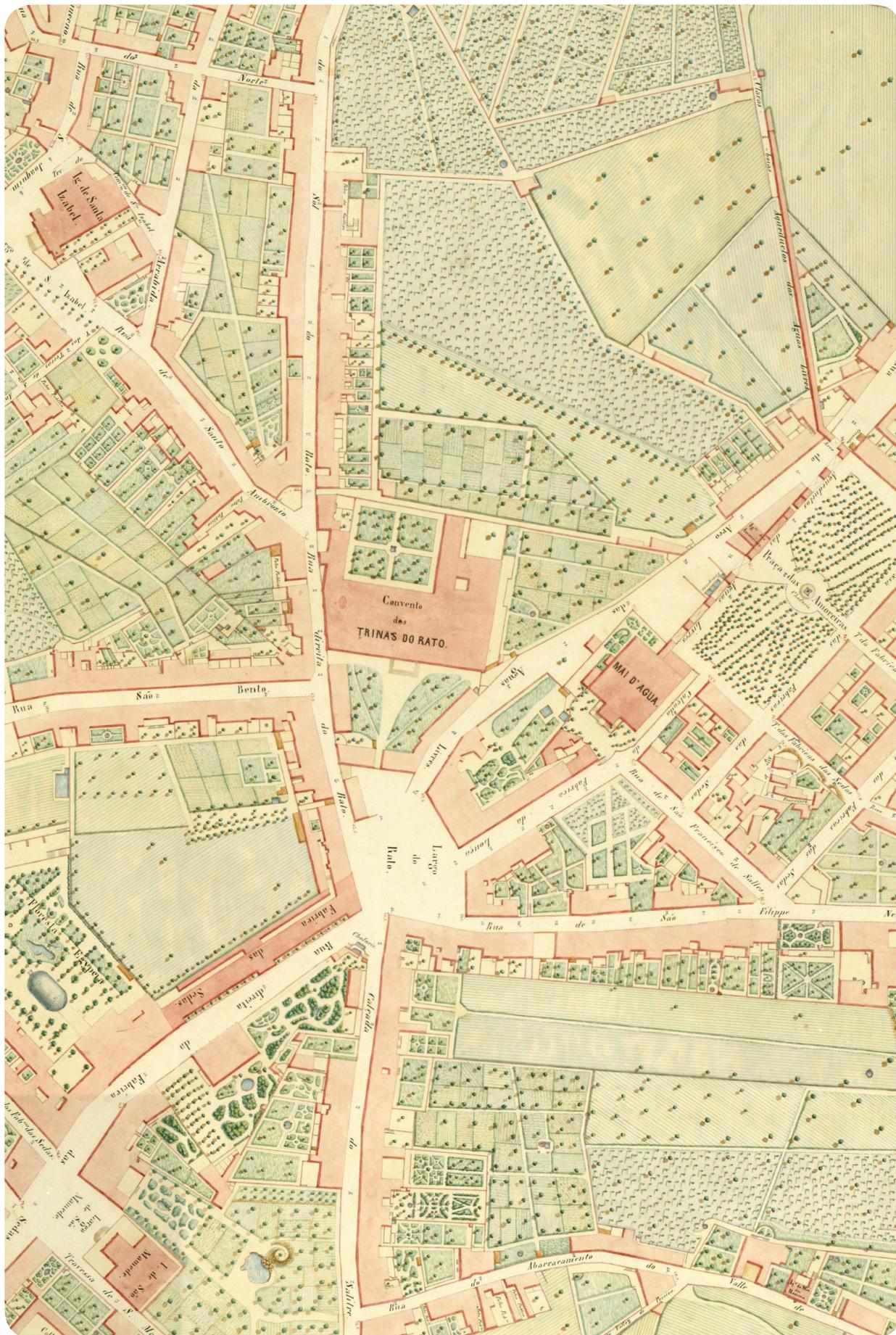
EXPOSIÇÃO

JARDINS HISTÓRICOS DE PORTUGAL

Memória & Futuro



18 de Junho 2020 até 21 de Março 2021
Biblioteca Nacional de Portugal



Apresentação

Os jardins são criações humanas que dão origem a lugares para a nossa conciliação com a natureza. Espaços de luz e sombra, grandes ou pequenos, mudam com as horas do dia ou as estações do ano e estão sempre prontos para nos surpreender.

Os jardins históricos de Portugal são porventura o bem cultural mais desconhecido, mais belo e mais ameaçado. Pela primeira vez são objeto de uma exposição que resulta da vontade de três instituições: a Câmara Municipal de Lisboa no âmbito da Lisboa Capital Verde Europeia 2020, a AJH – Associação Portuguesa dos Jardins Históricos e a Biblioteca Nacional de Portugal.

Os jardins históricos são lugares de perpetuação e renovação da relação dos portugueses com a natureza e são um instrumento da nossa identidade. A sua história moderna começa nas cercas conventuais e nos santuários. Os primeiros são espaços de exclusão do mundo, de contemplação, de oração, de estudo, de trabalho artístico e de cultivo, enquanto os segundos assentam em raízes ancestrais e são, muitas vezes, locais de rituais ditos pagãos e lugares de convergência de comunidades inquietas pela relação com o transcendental que se tornaram lugares sagrados onde a festa profana e a religiosa se cruzam. Os modelos aí criados são apropriados para o lazer da aristocracia e manifestam-se primeiro enquanto hortos de paços reais, tapadas de caça ou quintas de recreio de paços episcopais. Assumem-se como cenários de afirmação de poder e espaços de festa e entretenimento, apropriados e replicados por nobres e burgueses. Mas são mais do que isso – são manifestações artísticas, são lugares de experimentação, inspiram a poesia e a pintura, são espaços de cultivo e de recreio. Nos finais do século XVI, este modo de estar e recrear



ganha expressão no espaço público, junto às portas das muralhas em campos de feira. Primeiro surgiram as alamedas depois os jardins públicos e, mais tarde, os parques públicos muitos deles construídos sobre antigas cercas conventuais, tapadas reais, quintas episcopais ...

Com a expansão das cidades e o abandono dos campos, cercas e quintas deram lugar a bairros, zonas industriais, equipamentos públicos – escolas, cemitérios, complexos desportivos, hotéis, parques públicos, etc. Por vezes, subsistiu o edifício, o claustro, a fonte, o patamar, árvores monumentais ... Mas, alguns vieram até nós e é em nome deles e do seu futuro que se apresenta esta exposição. Espaços exigentes em mão de obra, em água, em dedicação reclamam novos modelos de gestão, novas atitudes e novos usos.

Integrada na Lisboa Capital Verde Europeia 2020, a exposição organiza-se em torno de três grandes momentos: **Memórias Incompletas**, mostrando testemunhos sobre jardins portugueses nos fundos da Biblioteca Nacional; **Memórias Reconstruídas**, com representações para uma leitura no tempo presente das principais tipologias dos jardins históricos de Portugal – cercas conventuais, santuários, quintas de recreio, jardins botânicos, jardins e parques públicos; e **Um Presente Com Futuro**, convidando à descoberta das 12 Rotas Turísticas dos Jardins Históricos de Portugal, começando pelo interior do país, depois pelo litoral com os centros urbanos do Grande Porto à Grande Lisboa, e continuando até à Madeira e aos Açores.

O nosso profundo agradecimento aos proprietários e gestores, públicos e privados, dos jardins que integram esta exposição e os cuidam e nos abrem as suas portas.

José Sá Fernandes, Teresa Andresen e Maria Inês Cordeiro



Memórias Incompletas

Jardins portugueses nos Fundos da Biblioteca Nacional

Os jardins enquanto obras de arte e ecossistemas são particularmente frágeis. Por outro lado, enquanto obras evolutivas, conhecem diferentes fases e estádios ao longo da sua existência. Frequentemente passam por momentos de renovação estando também sujeitos ao abandono e à destruição – total ou parcial. A sua perenidade assenta numa manutenção continuada.

A memória de um jardim histórico é indispensável ao seu conhecimento e à preservação da sua existência. As fontes de informação têm um papel primordial para o conhecimento e a avaliação da autenticidade de um jardim histórico. Os registos escritos e as representações – pinturas, gravuras ou fotografias – são instrumentos essenciais para os compreendermos e para orientarem a sua conservação. O que estas fontes nos revelam e nos permitem interpretar é sobre um passado fragmentado e descontinuado, expresso sobre uma espacialidade feita de partes e não do todo.

Quando no presente queremos compreender o significado de um jardim é a partir destas memórias incompletas que o fazemos, tecendo com elas a interpretação desse lugar.

O primeiro momento da exposição distingue a memória dos jardins, oferecendo um conjunto de obras documentais bibliográficas e iconográficas integradas nos Fundos da Biblioteca Nacional de Portugal selecionado pela Professora Ana Duarte Rodrigues.



Memórias Reconstruídas

Interpretar os Jardins Históricos de Portugal

Saber interpretar um jardim contribui para uma visita informada e proveitosa que, ao mesmo tempo, predispõe o visitante para uma experiência emocional tirando partido dos sentidos. Para apoiar a interpretação do jardim, identificaram-se cinco categorias de jardins históricos:

- Cercas conventuais
- Santuários
- Quintas de recreio
- Jardins botânicos
- Jardins e parques públicos

O segundo momento da exposição tem uma dimensão pedagógica. Espera-se que seja instrutivo e que contribua para enriquecer o léxico do público que visita a exposição e que pretende familiarizar-se com os jardins históricos. Consta de uma mostra de lugares representativos de cada uma destas categorias ilustrados através de plantas, cortes e esquemas interpretativos e exemplificativos da 'organização espacial' e dos 'usos e funções' de cada um. Procurou-se uma aproximação à ideia inicial do jardim ou da fase da sua existência que mais esclarece a categoria e o tempo que representa e que, de um modo geral, ainda se encontra inscrita no lugar. Assim, a planta base não representa a situação atual, mas sim uma recreação. Tratam-se assim de memórias reconstruídas através da representação que procuram fazer pontes para uma leitura dos jardins no tempo presente.

A arte paisagista e a arte dos jardins são de natureza complexa. A sistematização de conceitos introduz naturalmente simplificação e arrisca prejudicar a dimensão subtil das diversas narrativas inerentes aos jardins. No entanto, pretendeu-se privilegiar a comunicação sobre o modo de ler uma cerca ou uma quinta ou um parque público.



Um Presente com Futuro

Rotas dos Jardins Históricos de Portugal

A Associação Portuguesa dos Jardins Históricos, com o apoio do Turismo de Portugal e da Câmara Municipal de Lisboa construiu um projeto de 12 Rotas Turísticas dos Jardins Históricos de Portugal que são apresentadas no 3º momento da exposição. A visita inicia-se pelo interior de Portugal, depois pelo litoral com os seus grandes centros urbanos do Grande Porto à Grande Lisboa até à Madeira e aos Açores. Apresentam-se jardins públicos e privados, cercas conventuais, quintas de recreio, jardins botânicos e santuários, selecionados de entre os melhores exemplares que ainda se conservam em Portugal e cujas portas os proprietários privados, generosamente, aceitam abrir ao público. Por detrás de cada um deles estão muitos rostos, do passado ao presente, que perpetuam histórias e momentos ligados à história e à evolução dos jardins.

Rotas Turística dos Jardins Históricos

- Alto Minho
- Baixo Minho
- Tâmega
- Douro
- Dão
- Tejo
- Alentejo
- Litoral Centro
- Grande Porto
- Grande Lisboa
- Açores/São Miguel
- Madeira

1 – Alto Minho



A Rota do Alto Minho abrange o vale do Lima e a margem esquerda do rio Minho, fazendo fronteira com a Galiza. Reúne um conjunto de quintas de recreio distribuídas junto ao vale dos rios ou na meia encosta, cercas conventuais localizados sobretudo na meia encosta e pequenos santuários de um modo geral colocados nos altos dos montes de onde se desfrutam panorâmicas extensas sobre os vales do Minho e do Lima que, junto à costa, se estendem pelo mar. Algumas das quintas preservam as suas torres de origem medieval destacando-se nos vales rodeadas de campos e matas. Algumas das cercas conventuais estão ainda em bom estado de conservação como a do Mosteiro de Refoios do Lima enquanto os santuários, com recintos mais ou menos amplos, ainda mantem um forte carácter vernacular. Como território de fronteira que é, a rota integra ainda algumas estruturas defensivas que, entretanto, perderam a sua função militar, mas mantêm uma singular valia patrimonial e hoje são geridas e usufruídas como verdadeiros jardins ou parques públicos de recreio.

2 – Baixo Minho



A Rota do Baixo Minho cobre aproximadamente os territórios das bacias hidrográficas dos rios Cávado e Ave, com nascentes nas serras do interior – Larouco e Cabreira respetivamente - e correndo perpendicularmente ao Atlântico. Inclui ainda a bacia do rio Sousa, o vale do Românico. Para esta rota turística contribuem monumentais santuários, extensas cercas conventuais, encantadoras quintas de recreio e um conjunto de jardins e parques municipais em Braga, Guimarães ou Barcelos. Estes sítios encontram-se numa paisagem fortemente humanizada que, ao longo de séculos, tem estado sujeita a intensas dinâmicas que foram deixando testemunhos muito antigos e diversos. A vegetação é exuberante, os sistemas de água são inteligentes, o granito predomina e transformou-se num sem fim de muros, levadas, fontes e estátuas. Enfim ... cenários surpreendentes e sempre renovados ao longo das estações do ano!

3 – Tâmega



A Rota do Tâmega vai de Amarante à raia e congrega um conjunto de jardins, quintas de recreio, parques termais e parques florestais ao longo do Tâmega. Ilídio de Araújo consagrou a designação de “Jardins de Basto” (1962) associando-os à iniciativa das irmãs Pinto Basto: Emília Ermelinda e Justina Praxedes que, em meados do século XIX, apoiaram Manuel Joaquim Alves Soares a estudar no Porto e em Inglaterra e que veio a ser o fundador de uma escola de jardineiros de Basto responsável pela topiária de cameleiras e teixos em formas mais ou menos bizarras, ora geométricas ora zoomórficas, que ainda hoje se perpetuam na Casa de Piellas, na Casa da Gandarela, na Casa do Prado ou mesmo na Casa da Igreja. A Rota inclui os parques termais de Vidago, Pedras Salgadas e Carvalhelhos e ainda parques florestais com espécies arbóreas notáveis. Por sua vez, junto à fronteira encontra-se um conjunto de pequenos santuários, de traça mais ou menos vernacular, em recintos tão agrestes como acolhedores, que são miradouros sobre uma paisagem de grande beleza e posicionados em locais com uma história de culto, bem mais antiga do que a marca cristã que hoje aí encontramos.

4 – Douro



A Rota do Douro compreende uma pequena parte da bacia hidrográfica do Douro, focalizada no seu troço mais emblemático que coincide com o Alto Douro Vinhateiro, a paisagem cultural inscrita na Lista do Património Mundial da UNESCO. Assenta em dois polos: Vila Real e Lamego. Na envolvente de Lamego encontram-se notáveis cercas conventuais como a do mosteiro cisterciense de São João de Tarouca assim como o imponente santuário de Nossa Senhora dos Remédios, este na própria cidade de Lamego. De um modo geral, as quintas do Douro na sua origem não têm uma vertente de recreio, no entanto encontram-se quintas com matas ajardinadas e entornos das casas ricos em laranjais, hortas e pequenos jardins de buxo como as envoltas em extensas áreas de vinha e que hoje por vezes constituem unidades hoteleiras. A casa de Mateus em Vila Real é uma das propriedades mais notáveis da arte dos jardins em Portugal. A rota é constituída por outros elementos de grande singularidade como os jardins públicos de Vila Real e Lamego, e ainda os santuários de São Leonardo da Galafura e São Salvador do Mundo, miradouros espetaculares, envoltos por manchas de vegetação reveladoras das características mediterrânicas da região.

5 – Dão



A Rota do Dão tem como lugar central a cidade de Viseu e um notável conjunto de quintas de recreio na sua envolvente. Nas quintas existem campos extensos e matas frondosas às quais se acede por longas carreiras de buxos, às vezes de loureiros outras de camélias, atrás das quais se escondem pomares, hortas e vinhas. Surgem jardins e aveloais. A água nasce do granito e segue por canais e canaletes para tanques, lagos e fontes. São referência: o Parque do Fontelo em Viseu, a Quinta dos Condes da Anadia em Mangualde, a Quinta do Loureiro em Silgueiros, a Quinta de Chão de São Francisco, ou a Quinta de Santa Cruz em Viseu e a Quinta da Ínsua que, com os seus jardins e mata, é um verdadeiro ex-libris. Um destaque para o projeto Santar Vila Jardim, no concelho de Nelas, liderado pelos proprietários da casa dos Condes de Santar e Magalhães e que congrega a casa das Fidalgas, a casa da Magnólia, a casa Ibérico Nogueira, a Misericórdia de Santar sob a orientação de Fernando Caruncho. Aqui, os muros das propriedades foram derrubados e os jardins unidos. Estrela e Caramulo são uma presença constante nesta paisagem. Eis uma história excepcional no contexto da arte paisagista e na arte dos jardins em Portugal.

6 – Tejo



A rota do Tejo atravessa territórios de características muito diversas, coincide com uma pequena parte da vasta bacia hidrográfica do rio e estende-se desde a raia até às Portas do Sol em Santarém. Na margem direita reúne lugares da Beira Baixa e do Médio Tejo e na margem esquerda do Alto Alentejo. A rota, junto a Espanha, integra santuários isolados como o de Nossa Senhora do Almurtão ou o de Nossa Senhora de Mércules. O jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco está entre as peças mais notáveis da arte paisagista portuguesa. Também os castelos nas cidades mais importantes como Tomar, Abrantes e Castelo Branco, são espaços de memória hoje apropriados como jardins públicos. O Jardim das Portas do Sol, ocupa a primitiva alcáçova de Santarém reconvertida em jardim público nos finais do século XIX, é um miradouro privilegiado sobre o vale de Santarém por onde se estende um vasto e notável conjunto de quintas nas duas margens do Tejo, de Santarém à Golegã e de Almeirim à Chamusca com suas casas rodeadas por amplos pátios murado, ora mais de aparato ora mais agrícolas e algumas áreas de fresco na proximidade, e que dão acesso a vastos campos na lezíria e na charneca.

7 – Alentejo



A rota do Alentejo distribui-se pelos territórios do Alto e Médio Alentejo segundo um eixo raiano de Elvas a Portalegre e outro de Elvas a Montemor-o-Novo, através das extensas planícies alentejanas, relevos suaves até às alturas da Serra de São Mamede. As herdades ou quintas são extensas, sendo a maioria estruturas rurais, mas outras há com uma cultura contemplativa e recreativa, justaposta a uma sábia arte de cultivo e de procura do fresco suportada em rigorosos sistemas de recolha e distribuição de água que simultaneamente servem os lugares de recreio e contemplação. Um são espaços de verdadeira vida de corte, enquanto outras têm natureza religiosa e ou produtiva, muitas vezes antiga, onde se convive com os testemunhos de uma sociedade romana próspera. Os santuários integrados na rota contam histórias antigas e mantem rituais vindos de longe. A paisagem é marcada por castelos altaneiros que hoje se tornaram jardins públicos apropriados pelas populações para o recreio a par de jardins públicos e rossios, espaços que testemunham uma intensa vida coletiva e são verdadeiras praças cívicas, como o Rossio de Estremoz. Patrimonialmente rico e diverso, o Alentejo surpreende sempre na arte paisagista portuguesa.

8 – Litoral Centro



A rota do Litoral Centro estende-se por um vasto território entre as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto que é caracterizado por uma relativa proximidade ao oceano atlântico e confina a nascente com as serras do Buçaco, Lousã, Sicó, Aires e Candeeiros. Coimbra reúne um vasto conjunto de jardins e parques históricos, alguns deles instalados sobre partes de antigas cercas conventuais como o Parque de Santa Cruz ou da Sereia, com o seu notável Jogo da Bola, ou o Jardim Botânico e o notável Jardim da Manga e outros jardins públicos de génese mais recente. Inclui espaços religiosos muito distintos como a cerca e os claustros do Mosteiro de Alcobaça, o Santuário de Nossa Senhora da Piedade na Lousã, o Santuário de Fátima e a Mata Nacional do Buçaco. As termas têm especial expressão neste território sendo o Parque D. Carlos I o ex-libris dos parques termais portugueses pela sua associação ao hospital termal mais antigo do mundo. Na envolvente de Coimbra, a rota integra ainda a emblemática Mata Nacional do Choupal e a Quinta das Lágrimas, com os seus jardins e notável património botânico e cenário da história de amor de Pedro e Inês que perdura na memória há mais de seis séculos e, os jardins das villas romanas de Conimbriga.

9 – Grande Porto



A Rota do Grande Porto abrange uma faixa territorial que se estende ao longo de 50 Km de costa, da Póvoa de Varzim até Espinho, com incursões ao interior montanhoso de Cambra e Arouca. A norte do rio Douro, as férteis bacias dos rios Ave e Leça acolhem importantes mosteiros de fundação medieval, como o de Santa Clara, em Vila do Conde, o de S. Bento, em Santo Tirso, o de Leça do Balio ou o de Moreira da Maia, com extensas terras de couto e cercas, algumas das quais de grande interesse paisagístico. A grande fertilidade e a amenidade do clima permitiram o florescimento de numerosas quintas, algumas com ordenamento de Nicolau Nasoni (1691-1773) ou influenciadas pelo seu estilo. A área urbana do Porto associada à sua posição geográfica e a uma intensa atividade mercantil ditou uma forma particular de abertura ao mundo. Os jardins privados da burguesia industrial e as inúmeras praças e jardins públicos oitocentistas, a par com os jardins das velhas casas - onde imperam os canteiros floridos, as camélias e os rododendros, entre muitos outros exotismos - são estruturas determinantes para o carácter da cidade que abraçou, com desvelo, a horticultura enquanto arte e saber.

10 – Grande Lisboa



Os jardins que integram a rota da Grande Lisboa distribuem-se três realidades geofísicas: Lisboa e o estuário do Tejo, a serra de Sintra e a serra da Arrábida. Nos jardins estão presentes os traços que marcam a identidade do jardim português: grande variedade de espécies, vistas longas, azulejos e grandes tanques decorados. Na construção de jardins a partir do século XVI, com o retorno dos vice-reis da Índia, entrança-se a influência de Itália com a da Índia fazendo nascer um estilo local de que são exemplo a quinta da Bacalhoa em Azeitão, a Penha Verde em Sintra, e Fronteira, já no século XVII, em Lisboa que constituiu inspiração para outras quintas de veraneio. No século XVII, na encosta de Belém-Ajuda apareceram o palácio de Belém e outros palácios e jardins, assim como no século XVIII, no Lumiar, a quinta do Monteiro-Mor e, em Oeiras, a quinta Marquês de Pombal e, em Setúbal, a quinta das Machadas. Nos arredores de Lisboa, a família real construiu o palácio de Queluz e a Quinta Real de Caxias. No século XIX, o estímulo dado aos jardins pelo Rei D. Fernando foi seguido por muitos em Sintra, seguindo-se dezenas de jardins e palacetes como a Regaleira ou Monserrate, enquanto que Lisboa se enriquecia com jardins públicos.

11 – Madeira



Os Açores distinguem-se pela descontinuidade geográfica das suas nove parcelas insulares em pleno oceano Atlântico, à mesma latitude da bacia do Mediterrâneo embora biogeograficamente muito diferentes. Estas condicionantes determinam os padrões climáticos vigentes e as dinâmicas ecológicas bem como os modelos de povoamento encetados a partir do século XV. Enquanto centro nevrálgico nas rotas que ligaram mares e continentes, os Açores tiveram um papel fundamental na aclimatização de espécies oriundas de África, América do Sul e do sudeste asiático, favorecida pelo seu clima temperado marítimo a que se juntou a moda europeia do colecionismo botânico a partir da segunda metade de setecentos. É neste contexto que surgem os luxuriantes jardins de aclimatação que circundam a cidade de Ponta Delgada e o Vale das Furnas, em São Miguel, os jardins públicos de Angra e da Horta e as mais recentes Reservas Florestais de Recreio. Pela mão de um punhado de gentlemen farmers micelenses e de alguns arquitetos e head gardeners ingleses, franceses e belgas, milhares de plantas ornamentais dos cinco continentes vieram povoar os jardins açorianos ao longo da segunda metade do século XIX, operando uma verdadeira transmutação da paisagem insular.

12 – Açores



A posição geográfica no oceano Atlântico e a orografia montanhosa conferem à ilha da Madeira uma espantosa amenidade climática. A cidade do Funchal encontra-se numa espécie de anfiteatro natural que se estende do mar à montanha atravessada por ribeiras e detém um singular conjunto de quintas e jardins históricos de grande beleza – pela sua localização, composição, diversidade botânica e panorâmicas. Há a referir o património de jardins públicos históricos nomeadamente o jardim municipal de S. Francisco, o jardim do Hospício Princesa D. Amélia e o parque modernista de Santa Catarina, numa localização privilegiada. No centro histórico da cidade, destacam-se ainda três destinos com um encanto particular e que foram quintas particulares hoje acessíveis ao público: a quinta da Cruzes, a quinta Vigia e a quinta da Magnólia. A quinta do Palheiro Ferreira é detentora de um dos espaços mais notáveis da arte dos jardins na Ilha, a par com o Jardim Botânico localizado na antiga Quinta do Bom Sucesso. Bela Vista, Casa Branca, Jardins do Lago são outras quintas antigas, hoje com as suas unidades hoteleiras, que a par com o emblemático Hotel Reid oferecem jardins únicos e particularmente bem cuidados.

Ficha Técnica do Inventário de Jardins

Inventário

Rotas do Alto Minho, Baixo Minho, Tâmega, Douro, Dão, Tejo, Alentejo.
Teresa Andresen e Joaquim Gonçalves (AJH)

Rota do Litoral Centro
Teresa Andresen, Sónia Talhé Azambuja, Ana Catarina Antunes, Filipa Marques dos Santos (AJH)

Rota do Grande Porto
Teresa Portela Marques (CIBIO) e **João Almeida, Vilma Silva, Matilde Cerqueira Gomes** (Território XXI – Gestão Integrada do Território e do Ambiente, Lda)

Rota da Grande Lisboa
Cristina Castel-Branco e Guida Carvalho (ACB – Arquitectura Paisagista Lda)

Rota dos Açores / São Miguel
Isabel Soares Albergaria e Ricardo Cruz (Green Gardens Azores/ Universidade dos Açores)

Rota da Madeira
Teresa Andresen e Sónia Talhé Azambuja (AJH)

Rotas do interior de Portugal financiadas por / Routes of the interior of Portugal financed by:



Fotografia

Rotas do Alto Minho, Baixo Minho, Tâmega, Douro, Dão, Tejo, Alentejo, Litoral Centro
João Paulo Sotto Mayor

Rota do Grande Porto
João Almeida

Rota da Grande Lisboa
António Sacchetti e Cristina Castel-Branco

Rota dos Açores / São Miguel
Filipe Braga

Rota da Madeira
Filipe Braga e Sónia Azambuja

Fotografia em grande formato
Filipe Braga

Tradução

Nathalia Kinippeberg

Ficha Técnica da Exposição / Exhibition Technical Credits

Comissariado / Curators

Direção / Board AJH – Associação Portuguesa dos Jardins Históricos
Teresa Andresen (Coordenação / Coordination)
Fernando Guedes
António Mascarenhas
Ana Catarina Antunes
Manuel Carvalho e Sousa
Maria Matos Silva
Miguel Coelho de Sousa

Câmara Municipal de Lisboa / Lisbon City Council

Equipa Lisboa Capital Verde Europeia 2020 / Lisbon European Green Capital Team

Marise Francisco (Organização / Organisation)
Manuela Azevedo
Jorge Cruz
Tereza Akslen
Filomena Costa
Paulo Vilhena
Sara Veiga

Design da Exposição / Exhibition Design

Andrew Howard
João Cruz
Miguel Howard
(Studio Andrew Howard)

Assessoria Científica e Técnica / Scientific and Technical Advisors

Ana Duarte Rodrigues
(Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa/CIUHCT)
Teresa Portela Marques
(Faculdade de Ciências da Universidade de Porto/CIBIO)
Francisco Guedes de Carvalho
Luís Guedes de Carvalho
Maura Pereira Dias
Nuno Costa
Felipe Sanches
(Atelier do Beco da Bela Vista, Arquitectura Paisagista, Lda.)

Tradução / Translation

Martin Dale

Produção / Production

ESAG–Estúdio de Artes Gráficas, Lda.
Guarnição Lda

Organização:



Colaboração:



Parceiro Oficial:

